



MULHERES EM LUTA: PAULINA CHIZIANE E GILKA MACHADO EM BUSCA POR ESPAÇO NA LITERATURA DE SEU POVO

Caroline Buratti David
(UNESP)

INFORMAÇÕES SOBRE OS AUTORES

Caroline Buratti David é graduada em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP). Foi bolsista FAPESP - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo - com a pesquisa intitulada "Uma leitura do motivo da noite em Gilka Machado sob perspectiva do panteísmo e do sublime". Atualmente é mestranda pelo Programa de Pós-Graduação, na mesma universidade de graduação, em Literatura e Vida Social com o projeto intitulado "O panteísmo e a mística feminina em Gilka Machado" (2021 - atual) e bolsista CAPES. E-mail: caroline.buratti@unesp.br.

RESUMO

O artigo elabora algumas reflexões acerca da literatura de autoria feminina, especificamente a produzida por Gilka Machado e Paulina Chiziane, demonstrada a partir do poema "Ser Mulher" e do conto "As cicatrizes do amor", respectivamente. A investigação busca demonstrar a trajetória social e literária de duas mulheres que imprimem significativa marca na literatura de seu povo. Os pontos de convergência e divergência entre as produções são observados a fim de afirmar a troca de experiências, entre Gilka e Paulina, ao narrar a condição da mulher em uma sociedade pautada em opressões sociais que marginalizam e condenam as mulheres. A poética giliana e a contação de histórias de Chiziane derivam do confronto ao silenciamento social e literário que resultam de uma crítica que evidencia e ignora o que indicam ser de maior ou menor importância para a literatura. A história brasileira e a moçambicana caminham, lado a lado, da luta das mulheres e, para as escritoras, são motivo para reconhecer, centralizar e reivindicar o espaço da mulher na literatura de seu povo. Como arcabouço teórico utiliza-se as discussões de Bonnici e Zolin (2005), Cândido (2006), Guimarães (2014) e outros.

ABSTRACT

The article elaborates some reflections on the literature of female authorship, especially the one produced by Gilka Machado and Paulina Chiziane, demonstrated from the poem "Ser Mulher" and the short story "The scars of love", respectively. The investigation seeks to demonstrate the social and literary trajectory of two women who leave a significant mark on the literature of their people. The points of convergence and divergence between the productions are observed in order to affirm the exchange of experiences between Gilka and Paulina, when narrating the condition of women in a society based on social oppressions that marginalize and condemn women. Gilka's poetics and Chiziane's storytelling derive from the confrontation with social and literary silencing that result from a criticism that highlights and ignores what they indicate to be of greater or lesser importance for literature. Brazilian and Mozambican history walk side by side in the struggle of women and, for female writers, they are a reason to recognize, centralize and claim the space of women in the literature of their people. As a theoretical framework, discussions by Bonnici and Zolin (2005), Cândido (2006), Guimarães (2014) and others are used.

PALAVRAS-CHAVE

Literatura de autoria feminina; Gilka Machado; Paulina Chiziane; Literatura.

KEY-WORDS

Female literature. Gilka Machado. Paulina Chiziane. Literature.

INTRODUÇÃO

A literatura é fundamental para manifestação do eu em meio ao processo de reconhecimento de si e do outro em uma sociedade. Manifestar-se através da poesia, da ficção, do folclore, do chiste, de modo a ultrapassar o limite das estruturas complexas e não complexas da escrita é o que se aproxima de uma possível definição que podemos admitir para as produções no campo literário, segundo Antônio Cândido em *Direito a Literatura* (2011).

A relação estabelecida entre a produção literária e a sociedade é estreita e distante ao mesmo tempo. A manutenção ou não dessa estrutura pode agregar ou segregar elementos presentes nessa sociedade. Mesmo situada em um movimento constante de negação das diferenças, a literatura é caminho para a manifestação ética e social de etnias, povos e movimentos sociais.

O papel da literatura, portanto, não se restringe à pura *mimesis* cotidiana. É também sua função agregar e abrir espaço para personagens marginalizados se tornarem protagonistas de suas próprias histórias. Nesse sentido, entende-se a literatura como manifestação de si e do mundo que o cerca. Desse modo:

[...] as manifestações literárias são inerentes à própria vida social, não havendo sociedade que não as manifeste como elemento necessário à sua sobrevivência, pois, como vimos, elas são uma das formas de atuação sobre o mundo e de equilíbrio coletivo e individual. São, portanto, socialmente necessárias, traduzindo impulsos e necessidades de expressão, de comunicação e de integração que não é possível reduzir a impulsos marginais de natureza biológica (CANDIDO, 2006, p. 79 - 80).

A partir disso, podemos compreender que os passos da literatura são dados juntos à sociedade e ao seu desenvolvimento. É assim que a literatura se manifesta e oferece espaço para autores que comunicam, através da vivência social, uma produção artística única que abre portas a novas ideias de composição. Gilka Machado e Paulina Chiziane são agentes da comunicação entre a literatura e a sociedade e se afirmam como figuras

importantes para a produção de literatura feita por mulheres, sobretudo, na literatura brasileira e na literatura moçambicana, respectivamente.

Duas mulheres que se distanciam na forma de produção, Gilka Machado poeta e Paulina Chiziane contista e romancista, mas que se esbarram nas temáticas e se encontram na luta por um espaço que permita que a mulher seja dona da sua própria forma de contar histórias e de manifestar o seu eu-lírico. A partir das suas produções é possível destacar que uma mulher é capaz de escrever e falar como e sobre o que quiser.

A literatura de autoria feminina passou e ainda passa por muitas barreiras para se consolidar como composição significativa no âmbito da literatura nacional, visto que a tradição do cânone privilegia a escrita tradicional centrada em considerações patriarcais. Isto posto, elabora-se uma análise precisa sobre as ideias que circulam a produção feminina como sentimentalista e, por conseguinte, menos relevante. Dessa forma, criticam a construção artística ao mesmo tempo em que fazem juízo de valor.

A presença da crítica ácida na escrita das mulheres busca apagar novas formas de ver e compreender o indivíduo e a sociedade. Os juízos de moral e valor, que outrora pouco foram aplicados aos escritores do gênero masculino, são, por diversas vezes, utilizados como formas de hostilizar a produção dessas mulheres, de modo a promover a marginalização de seus conteúdos e até mesmo a condenação destes, a partir da noção de impureza e impropriedade que essas temáticas podiam trazer às mulheres que os liam. A invalidação das suas escritas e a classificação como produção de menor valor literário e moral se deu a partir das temáticas abordadas pelas autoras. O sexo, o prazer, a contação de histórias pela mulher, a manifestação do desejo e o protagonismo feminino fazem parte do que foi considerado por muitos críticos como impróprio, vulgar e desrespeitoso. A poeta brasileira e a romancista moçambicana são grandes influentes na literatura que centraliza a mulher, assim uma é capaz de falar sobre os sentimentos e as sensações que podem ser explorados e vivenciados por um sujeito feminino e a outra, a partir da sua ancestralidade, demonstra a importância da mulher para o meio social ao mesmo tempo em que fala sobre sexo, maternidade e matrimônio, sempre a partir da perspectiva e da

experiência feminina, o que dialoga com o que Conceição Evaristo vai chamar de “escrevivências”.

As críticas ao machismo nas produções de Paulina e a exposição das mazelas da existência feminina presentes na construção de Gilka são exemplos da luta e da resistência dessas mulheres. Essas produções conectam a vida social e a literatura de tal forma a manipular dois conceitos que são capazes de refletir, por meio dos engendramentos literários, as experiências femininas.

A elaboração de uma literatura feita por mulheres consiste na reivindicação de espaços que foram negados. Estes não refletem somente o âmbito da produção artística, mas também corroboram com as estruturas sociais fixadas que depreciam o trabalho da mulher.

[a] literatura feita por mulheres envolve dupla conquista: a conquista da identidade e a conquista da escritura. Ultrapassados os preconceitos e tabus com relação ao potencial criativo feminino, vencidos os condicionamentos de uma ideologia que a manteve nas margens da cultura, superadas as necessidades de apresentar-se sob o anonimato, de usar pseudônimo masculino e de utilizar-se de estratégias para mascarar seu desejo, a literatura feita por mulheres hoje, se engaja num processo de reconstrução da categoria “mulher”, enquanto questão de sentido e lugar potencialmente privilegiado para reconceptualização do feminino, para a recuperação de experiências emudecidas pela tradição cultural dominante (SCHMIDT, 1995, p.188).

O entrelaçamento entre a vivência histórica e social e a produção literária de Gilka e Paulina reflete a necessidade da expressão das mulheres dentro dos seus contextos sociais. O fim do silenciamento como sujeito livre e como indivíduo capaz de produzir arte é apresentado ao longo da produção de Gilka Machado e Paulina Chiziane, de modo a refletir mulheres fortes e únicas que influenciam e inspiram tantas outras mulheres.

A LUTA, A RESISTÊNCIA E AS CONQUISTAS

A produção de Gilka Machado inicia em 1915 com a publicação de seu primeiro livro, *Cristais Partidos*, que reúne mais de 50 diferentes poemas. A obra, uma das mais emblemáticas da poeta, propõe abordar a intimidade de uma mulher no seu mais profundo estado, demonstrando a quebra dos padrões do que se entende como realidade feminina e afirma uma mulher capaz de sentir o seu corpo e a sua subjetividade, por meio das partes desse cristal que se partiu.

O presente de incentivo e boas-vindas da crítica literária brasileira veio através do título de “matrona imoral” destinado a Gilka, após vencer o concurso literário no jornal *A imprensa*. A qualificação, que tampouco considerava o seu trabalho como escritora, caminhou lado a lado da sua produção ao longo de toda vida. A poeta afirma em suas “Notas autobiográficas” que “[a]quela primeira crítica (por que negar) surpreendeu-me, machucou-me e manchou o meu destino. Em compensação, imunizou-me contra a malícia dos adjetivos” (MACHADO, 2017, p. 14).

As críticas que tinham como objetivo diminuir e marginalizar a poesia de Gilka Machado pouco foram efetivas para impedir o prestígio que a poeta obteve em sua época. Em 1933, a carioca foi nomeada “a maior poetisa brasileira” pela revista *O Malho*, do Rio de Janeiro, após uma votação com mais de 200 escritores. Em consonância, João Ribeiro, importante crítico do século XX, afirma que Gilka Machado estava entre as maiores poetisas brasileiras, senão a maior de seu tempo (RIBEIRO, 1957, p. 262).

O reconhecimento da produção giliana demonstra a relevância e a grandiosidade de sua escrita, em contraponto aos juízos de valor e a moral empregados nas críticas que desconsideravam o seu fazer poético, mas se concentravam em menosprezá-lo a partir de comentários racistas e misóginos. Como o de Afrânio Peixoto, que após uma visita a casa de Gilka, afirma ter encontrado “uma mulatinha escura, de chinelos, num vestido caseiro” (CAMPOS, 2014, p. 93).

Portanto, observa-se que a crítica que tinha como centralidade a condição moral do

século XX, sendo esta pautada em conceitos patriarcais, misóginos e racistas, resulta em uma “implicância por ser uma mulher que escrevia sobre o desejo, por ser uma mulher que mexia com o imaginário de homens e de mulheres, usando abertamente em seus versos as palavras gozo, cio, beijo, boca, língua, corpo, tara, carne, mordida, volúpia” (PINHEIRO, 2019, p. 108).

Reconhecer a dualidade com que a crítica abordou a obra da poeta brasileira, ora positiva e ora bastante preconceituosa, permite compreender o pano de fundo para elaboração dos seus poemas, bem como compreender como o erotismo se manifesta enquanto temática central.

A perspectiva erótica assumida pela artista é, de fato, significativa para a sua produção e a posiciona como uma das primeiras mulheres brasileiras a falar sobre temas eróticos e sensuais através da perspectiva feminina. De forma não recorrente na literatura brasileira tem-se uma mulher que fala sobre o prazer feminino através da poesia e coloca a si como personagem principal, assim corrobora com o “[...] marco na literatura de autoria feminina: o dizer a si mesmo” (SOARES, 1998, p. 375).

A manipulação da temática erótica é um dos reflexos da posição libertária que Gilka Machado assume em sua vida e obra. Enquanto mulher e ser ativo social, a brasileira foi membro do “Partido Republicano Feminino” e participou das discussões e elaborações para a conquista do voto feminino no Brasil. Já como artista, elaborou poemas que comunicam a liberdade da mulher e sua autossuficiência, ao mesmo tempo que expõe a prisão nos “grilhões dos preceitos sociais” (MACHADO, 2017, p. 131).

A sua manifestação de liberdade questiona a condição da mulher brasileira no século XX, assim afirma-se que seu foco poético reflete um sujeito e uma ideia: a mulher e a liberdade. Esses dois motivos farão parte da sua obra como dirigentes e norteadores. Isto posto, compreende-se que a poesia de Gilka Machado não se reduz a puro sensualismo, mas manifesta crítica à ordem social ao mesmo tempo que insere composições dotadas de misticismos (ANDRADE, 1980, p. 07).

A produção literária de Gilka Machado demonstra a potência e a pluralidade da sua vida e de sua obra. A busca pela liberdade feminina torna-se motivo para a elaboração artística e política da poeta carioca, de modo a refletir uma produção poética que comunica a juventude, a maturidade e o envelhecimento de uma mulher através dos versos de sua poesia que se estendem de 1915, com *Cristais Partidos*, e chegam a 1968 com *Velha Poesia*¹.

O entrelaçamento entre literatura e vida, em Gilka Machado, é também reação a uma sociedade que priva a mulher da liberdade de manifestar-se, visto que poucos espaços abrigavam essas mulheres que, de alguma forma, buscavam por demonstrar as suas opiniões enquanto seres sociais e individuais numa sociedade que as marginaliza.

Gilka Machado demonstra como a literatura foi para si espaço de acolhimento e manifestação. Em 1978, a poeta finaliza suas “Notas autobiográficas” com o parágrafo “Sonhei em ser útil à humanidade. Não consegui, mas fiz versos. Estou convicta de que a poesia é tão indispensável à existência como a água, o ar, a luz, a crença, o pão e o amor” (2017, p. 17).

A literatura se mostra, então, como via de acesso à liberdade não somente de manifestação social, mas também de exposição das suas condições particulares como ser capaz de sentir, de desejar, de provocar e, sobretudo, de questionar, vê-se dessa forma que “[foi] a literatura que deu o direito de entoar a voz através da arte e tornar-se sujeito do discurso (BORGES, 2021, p. 103). A literatura é porta de entrada para as manifestações humanas e possibilita que sujeitos que são diariamente postos à margem pela sociedade, ainda hoje, tomem poder de si e da sua história.

A luta pelo espaço e pela afirmação da mulher na sociedade é ponto comum quando se fala em literatura de autoria feminina. Grandes nomes nacionais e internacionais são facilmente lembrados, como Gilka Machado, Maria Carolina de Jesus, Nísia Floresta, Angela Carter, Hilda Hilst, entre outras tantas que foram significativas em diferentes momentos históricos.

¹Consideram-se as datas de publicação das primeiras edições de ambos os títulos.

Ao lado desses grandes nomes, Paulina Chiziane garante importante espaço na escrita de autoria feminina e nacional dentro da literatura moçambicana. A “contadora de histórias” como se autodefine Paulina, nasceu em 04 de junho de 1955 em Manjacaze e cresceu nos subúrbios de Maputo, Moçambique. O contato com a alfabetização e o letramento aconteceu através da igreja católica em seu ensino primário. Em sua vida estudantil, Chiziane também obteve diploma na Escola Comercial de Maputo e realizou estudos de linguística na Universidade Eduardo Mondlane.

A vida da moçambicana compartilhou, em juventude, o contato com movimentos sociais e políticos. Paulina foi membro ativo da FRELIMO (Frente de Libertação de Moçambique), trabalhou na Cruz Vermelha durante a guerra civil e no Núcleo das Associações Femininas da Zambézia (NAFEZA). As experiências enquanto jovem garantiram a Paulina vivências que, posteriormente, refletiram na sua forma de enxergar e produzir a literatura de Moçambique.

O embate, a luta e a conquista por espaço sempre foram condições presentes na vivência da escritora e tais perspectivas são centrais na sua produção literária. Paulina Chiziane centraliza a figura da mulher e da história contada de forma ancestral e em suas produções elabora uma literatura que fala da condição da mulher ao mesmo tempo que reconhece a potência do resgate e da manutenção da sua cultura.

O elemento cultural e, sobretudo, a sua perpetuação é significativo na produção das literaturas africanas e, conseqüentemente, na literatura de Moçambique. Tal traço é partilhado pelos escritores moçambicanos e é passível de reconhecimento, de modo a se tornar um ponto em comum entre esses artistas. O traço diferenciador em Chiziane, portanto, está marcado a partir da posição ocupada pela mulher dentro da sua narrativa, sendo esta a protagonista.

O protagonismo feminino divide espaço com o contexto histórico e social que Moçambique carrega. Entender os desafios enfrentados pelo seu povo é reconhecer pontos essenciais na literatura, visto que estes estão em constante ligação e completude,

de modo que a história afirma, marca e retoma os fatos e a literatura é capaz de demonstrar os reflexos destes por meio de figuras que contam a sua história, os representam e criticam a força da marginalização dos sujeitos compreendidos como de menor valor.

A história de Moçambique é marcada pela disputa territorial e cultural entre os povos originários de Portugal. Declara-se, em 1975, a Independência de Moçambique, o que demonstra o extenso período de exploração, negação de identidade e imposição da cultura e da língua do outro. A chegada dos Portugueses em Moçambique data-se em meados do século XV, o que resulta em cinco séculos de sufocamento sócio-político-cultural.

A possibilidade da promoção de Moçambique como um país independente só foi possível através da união entre os movimentos e, sobretudo, dos sujeitos. A composição de uma unidade demonstrou a força de um povo, logo se entende que:

a unidade demarcava, pelo comportamento e pelas idéias, o espaço da revolução nacional, a “nossa zona”, do espaço colonial, a “zona do inimigo”, conceito polarizado que fazia identificar a “moçambicanidade” com o “segundo nascimento” de que fala Arendt, impregnado portanto de uma noção radical de ruptura (CABAÇO, 2007, p. 402).

A união e a ruptura são elementos que também ganham destaque na literatura de Paulina, visto que é através das oralitura² que a contadora de histórias desenvolve a sua produção particular que fala da composição da sociedade que a cerca, ao mesmo tempo em que enfatiza os embates e as opressões vividas pela mulher moçambicana.

A ancestralidade para Chiziane é a força-motriz de sua composição. É ela que vai manter a união entre os seus semelhantes e também promover a ruptura com a cultura e as noções de produção estética, científica e cultural do opressor. É importante demonstrar que a união entre literatura e sociedade, aos moçambicanos, é marca do engajamento social por parte dos escritores, que elabora uma literatura coletiva, ao passo que retoma

²Literatura feita a partir da produção oral.

espaços roubados.

A imprensa vai ser instrumento significativo e indispensável para a manifestação de Moçambique contra sua colônia. É na publicação de jornais e revistas que reivindicam sua terra, seu povo e sua cultura através da luta pela independência. Assim, Macêdo e Maquêa (2007) afirmam que é preciso:

[...] enfatizar o caráter contestatório de parte significativa da imprensa africana de língua portuguesa no período colonial, já que as páginas dos jornais não pouparam espaço na reivindicação da autonomia dos territórios. (...) Mais tarde, será a partir da imprensa que a nascente literatura dos países será conhecida de um círculo amplo de leitores, propiciando que os sistemas literários se consolidem. (MACÊDO e MAQUÊA, 2007, p. 12).

Compreender o contexto sócio-histórico ao qual se insere Paulina Chiziane é também perceber quais foram as influências que a atingiram ao longo de sua produção. A moçambicana foi a primeira mulher a publicar um romance em seu país, em 1990, com a publicação da obra *Baladas de amor ao vento*. Em seu livro de estreia, Paulina Chiziane traz manifestações da condição política, a posição da mulher na sociedade e, a partir disso, os dilemas e tabus enfrentados diariamente pelas mulheres.

A escrita de Paulina busca, desde a sua primeira edição, evidenciar a mulher como um meio de se opor ao seu apagamento na sociedade. Tal perspectiva demonstra o constante embate com a ruptura da tradição de exploração e opressão da mulher que é tida como ser inferior e de menor prestígio. Dessa forma, Freitas (2012) afirma que:

Chiziane explora em suas narrativas temas relacionados ao cotidiano da mulher moçambicana no intuito de registrar um discurso crítico e irônico que desmistifica os modos de vida e visões equivocadas que ainda se têm sobre a mulher moçambicana. A escritora é uma das poucas vozes femininas da literatura moçambicana que possui visibilidade no âmbito da crítica literária (FREITAS, 2012, p. 64).

A crítica moçambicana reconhece a produção da Paulina, ao mesmo tempo que a

compara, constantemente, com outras produções de mesma nacionalidade, como a de Mia Couto. Esse confronto proposto pela crítica visa encontrar artifícios que reduzam o valor e o reconhecimento que a produção de uma mulher pode alcançar. Ocupar o espaço de mulher e artista é definido por Paulina Chiziane (2013) como:

[...] um verdadeiro escândalo. Escândalo que tive que arriscar e suportar. Nesta sociedade a mulher só pode falar de amor e sexo com outras mulheres e também em segredo. Falar em voz alta é tabu, é imoral, é feio. No meu livro falo da vida, do amor e sexo. Com as minhas mãos acionei uma bomba sobre a minha cabeça. Uma boa parte das pessoas pensa que escrevi o amor porque o prático em demasia. Outros consideram-me uma pessoa bastante entendida em matéria de amor e sexo e com vontade de contar experiências. As boas pessoas evitam a minha linguagem e o meu contacto que consideram nocivo e comprometedor (CHIZIANE, 2013, p.05).

Evitar o olhar para a escrita de autoria feminina e para o que essas mulheres têm a dizer é movimento comum ao longo da historiografia da literatura. O evitar enfatiza o silenciamento ao passo que reafirmam tabus e tentam delimitar temas próprios ao escrever feminino. O que se observa é que, mais uma vez, a crítica se concentra em juízos de moral e valor e não medem esforços para a exclusão daquelas que, como Paulina Chiziane e Gilka Machado, subverteram a ordem tradicional, patriarcal e machista.

A escrita de Gilka Machado e Paulina Chiziane carregam uma forte marca de subversão. Tal fato se dá, pois ambas são consideradas sujeitos que transgridemo fazer literário quando fogem da temática do lar, da família, do amor e da maternidade, por exemplo. Assim:

a escrita de mulheres não é fato raro, nem novo. A intensa produção literária feminina, entretanto, não se reflete no número de publicações de obras de mulheres. Deixada à margem dos processos editoriais por muitos anos, a literatura produzida pelas mulheres, em determinados momentos, ficou circunscrita à vida familiar, e tratada como uma espécie de atividade doméstica ilustrada, ou como um desabafo sem importância estética (GUIMARÃES, p. 10, 2014).

A centralização da mulher como ponto de partida para a escrita é, portanto,

considerada momento de quebra das condições fixas elaboradas pela crítica e o cânone literário e intelectual. Gilka Machado e Paulina Chiziane, em diferentes países e momentos históricos, demonstram como a posição da mulher que escreve caracteriza-se por constante enfrentamento e ruptura. Falar a condição da mulher na sociedade, reconhecer os pontos de desejo e interesse femininos, apontar os pontos de articulação da opressão é inimaginável a produção de autoria feminina do século XX.

A mulher escreve para falar do tempo e da memória, para articular lembrança, esquecimento e imaginação. As mulheres escrevem para atuar na vida cultural, para transgredir noções estéticas e históricas fixas. Escrevem para produzir atritos. As mulheres escrevem para refletir sobre o fazer poético, discutindo o processo de criação literária e seus desdobramentos. Para isso, rompem as fronteiras do lar, do mundo privado, e ocupam o espaço público, desnudam as interdições ao feminino, revelam preconceitos, propõem travessias entre a tradição e a modernidade (GUIMARÃES, 2014, p. 12).

Relacionar Gilka Machado e Paulina Chiziane é demonstrar a condição de sujeito que produz literatura, para além do seu gênero. Ainda, é discutir sobre meios de produção estéticos e literários que singularizam e particularizam a escrita ao longo dos anos e que, com Gilka e Paulina, não se afirma diferente. Ambas imprimem características individuais que elaboram a sua marca estética e poética, sendo estes feitos a partir de punhos femininos livres de amarras.

Gilka Machado é reconhecida por falar da mulher a partir da sua posição na sociedade e dos seus desejos, sejam eles de manifestação social e literária, como sexuais. Tais temáticas proporcionam o julgamento que não a silencia, mas a marginaliza e a condena em local de menor prestígio. O mesmo movimento de sentenciamento acontece com a produção de Paulina Chiziane que posiciona a mulher como responsável por contar as histórias de seu povo, ao mesmo tempo em que imprime sua opinião sobre relacionamento, política e maternidade.

O que se tem é a tentativa de imposição de temáticas que não abordem questões

que são relativas à vivência feminina, que não reconheça a mulher como sujeito ativo de sua própria vida e, assim, protagonista da sua própria história. No poema de Gilka Machado “Ser Mulher” ela afirma na primeira estrofe que...

Ser mulher, vir à luz trazendo a alma talhada
para os gozos da vida. a liberdade e o amor;
tentar a glória a etérea e altívola escalada,
na eterna aspiração de um sonho superior...
(MACHADO, p. 131, 2017)

A mulher, que assume papel central na poética giliana, tem a condição de vir aos pedaços desde o nascimento, de modo a se fazer entender que não há qualquer escolha no destino desta que já tem o seu trajeto como corpo feminino assegurado, desde o parto. O talhar da alma também separa e talha os gozos da vida, ou seja, os momentos de satisfação e prazer que são representados pela “liberdade e o amor”.

O mesmo sujeito feminino ainda resiste na assídua tentativa de ascensão por esse “sonho superior” que lhe foi privado. O sonho de chegar ao final da sua “escalada” e, assim, poder encontrar a liberdade e o amor que lhe faltam. O eu-lírico reconhece a carência dos seus direitos e das possibilidades de exploração de si e do mundo que lhes são reservados. Observa-se, em uma única estrofe, de um único poema que a poesia de Gilka Machado pretende demonstrar as privações que são impostas à mulher através das opressões patriarcais e machistas.

Em “As cicatrizes do amor”, Paulina Chiziane reúne maternidade, sociedade e mulher em um só conto. Neste, há uma roda de conversa em volta da fogueira e o relato do abandono de duas crianças inicia o diálogo que incita o desenrolar da história e encontra as experiências de Maria que narra o momento em que também cogitou abandonar sua própria filha enquanto buscava por guiar o seu próprio destino e recuperar o amor.

O relato inicia-se com a interjeição “calem-se todas as bocas, a comadre é que fala!”

(CHIZIANE, 1994, p. 18-19) que é suficiente para alocar a figura da mulher como protagonista. O conto tem como objetivo demonstrar a vivência de Maria que se encontra em meio a miséria, sem o amparo do progenitor e sem qualquer oportunidade de ascensão na vida. Este desabafo causa estranhamento ao ouvinte, porém é mais comum do que parece ser, marcados como os “[r]etalhos da vida, revolteando as entranhas de quem as escuta. Atenção! O que aqui se conta, está a acontecer agora!, em qualquer parte do mundo” (CHIZIANE, 1994, p. 19).

A oralidade na produção de Paulina Chiziane é fundamental por recorrer aos pontos de ancestralidade que a ela são tão caros. Esse resgate da sua cultura permite falar sobre e para a mulher moçambicana e questionar as estruturas ao seu redor. Em “As cicatrizes do amor”, a protagonista batalha para construir o seu próprio destino e a sua própria história, de modo a negar essa estrutura que lhe oprime e indicar que pouco lhe resta quando se é mulher. Desse modo:

Temos assim, a figura de uma mulher forte que usa de toda a sua força interior, coragem, responsabilidade, sentimento de justiça, e principalmente amor, que ousa deixar o que era seguro, procurar uma forma de viver o que lhe restava por perto, em seu país, para arriscar-se, viver da maneira como queria, encontrar o que perdeu, ter o que lhe foi negado (CRUZ, 2014, p. 35).

O destaque dessas figuras de mulheres fortes garantem que outras mulheres se reconheçam e tomem controle de suas próprias vidas. É interessante observar que o retrato da mulher que subverte a tradição de seu povo resulta na figura daquela que sofre por negar e por contrariar essas mesmas estruturas, ao mesmo tempo que é feliz por seguir em busca do futuro que lhe pertence.

A comunicação entre Paulina Chiziane e Gilka Machado é muito mais estreita do que parece em primeiro momento, assim observa-se que a mulher que, na poesia giliana, nasce com “a alma talhada” é a mesma que precisa rejeitar a condição feminina que lhe impuseram e luta para ganhar o seu espaço e o seu próprio futuro, como PaulinaChiziane.

A recorrência dos temas na literatura feminina de modo geral provoca o reconhecimento entre as mulheres que são retratadas e têm acesso a essa literatura e aquelas que não vivenciam a mesma realidade, mas que, como mulheres em uma sociedade, são atingidas por opressões próximas ou iguais às relatadas. O último parágrafo do conto “As cicatrizes do amor” demonstra a troca de experiências femininas.

Na caserna de Maria há uma mulher que chora, e os soluços sincronizam com a makwayela das palmeiras. Os corvos em revoada grasnam agouros, as nuvens já abalaram e o sol voltou a abrasar. Águas do Índico balançam com mais força sob o domínio do vento sul. No coração da noite haverá tempestade (CHIZIANE, 1994, p. 22).

A mulher que chora na caserna de Maria é uma metáfora a quem se identifica e se reconhece na vivência de Maria, de modo a ser encontrada na figura da própria protagonista, na imagem da filha, que ao final do conto descobre o quase abandono, em outra mulher da roda de conversa, que também se reconhece no relato, e, ainda, pode ser a representação da leitora. Tal abrangência demonstra a troca de vivências entre as mulheres que o relato de Maria provoca, que só é possível a partir da posição central que ocupa na história e da sua coragem em compartilhar com todos os ouvintes e leitores.

A mesma identificação se revela na última estrofe do poema de Gilka Machado, onde afirma o eu-lírico “Ser mulher, e oh! atroz, tantálica tristeza!/ ficar na vida qual uma águia inerte, presa/ nos pesados grilhões dos preceitos sociais!” (MACHADO, 2017, p. 131). Aqui se observa que o sujeito feminino está preso a uma tristeza rígida e forte que a mantém sem qualquer movimento, mesmo que lhe existam asas. Esse tântalo, rijo, compõe-se pelos “grilhões dos preceitos sociais”.

Maria é também vítima desses grilhões dos preceitos sociais, porém tenta ao longo da sua vida se desvencilhar das amarras e sair da inércia que lhe foi imposta. Ao mesmo tempo, ela demonstra que há um custo para a quebra e há uma alta demanda de esforço, resiliência e quase lhe custa a dor do abandono do corpo de sua filha que dá sinais de morte em meio a trajetória.

A partir da relação entre Maria e o eu-lírico gilciano é possível afirmar que a

poesia de Gilka Machado e a contação de histórias de Paulina Chiziane tem como peça central a representação da condição da mulher na sociedade, a partir do reconhecimento e das experiências que são próprias a vivência feminina.

As perspectivas adotadas por Paulina e Gilka são comuns na literatura de autoria feminina, visto que quebram com a visão centrada no falocentrismo. Essa alteração na figura central é reflexo das transformações iniciadas pelas teorias e crítica feministas. O movimento feminista age diretamente na promoção de direitos as mulheres e, um deles, é o acesso à educação que assegura às mulheres o papel de produtora e crítica literária a partir da década de 1970 (BONNICI; ZOLIN, 2005).

É só a partir dos anos de 1970 que se inicia a elaboração do que se entende, atualmente, como crítica feminista. Seu objetivo principal é destacar as produções femininas e observar os meios de manipulação para a inserção da mulher na literatura, desde os primeiros registros históricos, as formulações estéticas e as particularidades que fazem dessa produção literária particular entre as demais.

De acordo com Bonnici e Zolin (2005) o processo de produção das subculturas literárias é composto pela imitação, a internalização, o protesto e a autodescoberta. Paulina Chiziane e Gilka Machado compartilham o mesmo século de produção, o século XX, e as mesmas posições na produção literária: o protesto e a autodescoberta.

Para Chiziane o protesto acontece de forma explícita através da crítica às estruturas e a manifestação de sua opinião enquanto moçambicana, uma mulher responsável por si e seu futuro, o que conseqüentemente vai refletir um processo de autoconhecimento. O despertar provocado pelo protesto resulta na autodescoberta da mulher como sujeito social importante e indispensável, que está para além da condição de mãe, esposa e dona de casa.

O protesto e a autodescoberta em Gilka também caminham lado a lado. A poeta reivindica a predestinação que é incumbida as mulheres enquanto explora o seu corpo em níveis sentimentais e sensoriais, de modo a externalizar o desejo, o gozo e o prazer ao

mesmo tempo em que fala de amor, dor e perda.

Esses processos vão ao encontro do modelo estabelecido por Showalter (1994) como teoria cultural que:

[...] reconhece a existência de importantes diferenças entre as mulheres como escritoras: classe, raça, nacionalidade e história são determinantes literários tão significativos quanto gênero. Não obstante, a cultura das mulheres forma uma experiência coletiva dentro do todo cultural, uma experiência que liga as escritoras uma às outras no tempo e no espaço (SHOWALTER, 1994, p. 44).

A partir destas considerações é possível aproximar as duas escritoras, que compartilham a condição de mulher no mundo por meio das suas características que as particularizam e perpassam as suas formas de viver e escrever o mundo.

Essa condição de “Outro” no mundo, como define Simone de Beauvoir (2014), indica obstáculos cotidianos à produção feminina. A mulher como autora encontra dificuldades em toda sua trajetória de escrita, seja pela negação do acesso à educação ou pela crítica que a marginaliza e condena. Muitas vezes as mulheres precisam dividir suas escritas com outros trabalhos e afazeres domésticos. Em entrevista à TV Brasil, em 2012, Paulina afirma diversas vezes que optava por escrever durante toda a noite, mas que, no dia seguinte, mal tinha forças para ir ao trabalho.

A necessidade de manutenção de duas atividades ao mesmo tempo indica o local de pouco privilégio que a mulher ocupa, de modo que a escrita se concretiza no espaço da atividade extra e não cabe, a mulher, exercê-la como profissão. Na mesma entrevista, Chiziane afirma que a crítica de seu tempo afirmava que “[a]ssuntos de mulher não estão para a literatura. A literatura é para a grandeza da alma” (CHIZIANE, 2012, n.p.).

O fazer literário feminino constitui resistência ao não-reconhecimento do sujeito feminino como artista. Tal afirmação reitera-se com o relato de Gilka Machado em suas “Notas autobiográficas” quando comenta o seu prêmio como a maior poetisa brasileira, pela revista *O Malho*. A poeta afirma “[v]enci por grande maioria. Algo de estranho acontecia e sorri orgulhosa dos colegas que votaram em mim sem que eu solicitasse. Era

eu a mais pobre, a de nenhum prestígio social e já então matrona. Vencera. Uma nova mentalidade surgia” (MACHADO, 2017, p. 15).

Percebe-se que a crítica positiva à Gilka causa estranhamento, isto porque pouco era comum que se aceitasse uma mulher como escritora e a premiasse pelo seu trabalho. O direito à manifestação, seja ela literária ou não, é negado a mulher, de modo que a ela reserva-se a condição de mera coadjuvante e espectadora da sociedade e da própria vida.

Para ter assegurado o direito de falar, enquanto o outro é silenciado, o sujeito que fala se investe de um poder advindo do lugar que ocupa na sociedade, delimitado em função de sua classe, de sua raça e, entre outros referentes, de seu gênero, os quais o definem como o paradigma do discurso proferido. Historicamente, esse sujeito imbuído do direito de falar é de classe média-alta, branco, e pertencente ao sexo masculino (ZOLIN, 2009, p. 106).

Reconhecer o espaço a ser ocupado pela mulher moçambicana e pela mulher brasileira na literatura é movimentar uma tradição canônica que repudia as diferenças. Aquelas que mantinham uma escrita comedida e velada ganhavam os olhares positivos e agradáveis da crítica, enquanto as mulheres que buscavam retratar a vivência feminina através de um olhar crítico e questionador são vistas com olhos que desaprovam e apontam, assim como relata Paulina Chiziane (2013, p.05) quando a consideram “[...] uma mulher frustrada, desesperada, destituída de razão”.

Os adjetivos "frustrada" e "desesperada" se unem ao título de "matrona imoral", recebido por Gilka, e são exemplos do julgamento de cunho moral que são dirigidos às mulheres. É importante lembrar que Gilka e Paulina são mulheres que escrevem no século XX, a poeta escreve até a década de 1970 e a contadora de histórias ainda se encontra em produção, o que demonstra que as críticas bastante machistas pouco se distanciam da realidade contemporânea.

As artistas que, muitas vezes, manipulam temáticas tabus como o prazer feminino, o gozo, a maternidade, a poligamia e a posição da mulher na sociedade são importantes para movimentar mudanças sociais e criar novas formas de compreender o mundo. Daí

entende-se a luta em que se inscrevem Gilka e Paulina, de modo a refletir as mulheres de seu povo em uma literatura que outrora lhes foi negadas. O resultado se confirma quando Chiziane (2012) observa que “o surgimento dos meus trabalhos deu essa força para as pessoas escreverem sobre assuntos diferentes. (...) o que era tabu já não é mais” (n.p.).

A necessidade de reafirmação como escritora e como mulher na sociedade faz parte da trajetória da autoria feminina, seja no Brasil ou em Moçambique. A busca por espaço na literatura de seu povo é assunto comum quando se pensa a produção de textos literários feitos por mulheres. Autoras como Paulina Chiziane e Gilka Machado demonstram a representatividade que elas exercem e inspiram novas mulheres a lutar e tomar posse do seu próprio destino, ao mesmo tempo que reformam a mentalidade social através das palavras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O espaço ocupado pela mulher na literatura ainda é carregado de estereótipos que a condenam como sentimental, maternal e de menor valor. As conquistas obtidas como o acesso à educação, o direito ao voto e a liberdade de expressões reforçam o combate a uma estrutura social que marginaliza, julga e silencia. A produção de uma literatura composta pela liberdade de escolha temática e de produção é também parte desse processo que reivindica os espaços negados e dá voz ao silenciados.

Gilka Machado e Paulina Chiziane se encontram em muitas temáticas que lhes são bastante caras, ao mesmo tempo em que se distanciam e assumem suas próprias particularidades. Falar a condição da mulher como literata é retomar noções de gênero, mas também reconhecer diferenças sociais, culturais e raciais que permitem que as necessidades dos diferentes grupos sejam manifestadas.

A quebra dos paradigmas realizados através da poesia giliana e das histórias de Chiziane é refletida no ganho de espaço ocupado pelas mulheres que reivindicam seu lugar na literatura e na sociedade. Gilka possibilitou que a mulher reconhecesse que sente

e percebe o mundo ao seu redor de forma particular e única. Paulina reposiciona a mulher, a coloca como protagonista de sua vida, como indivíduo dono de suas próprias escolhas e, assim como Gilka Machado, fala de temas tabus que pouco são comuns à mulher como o prazer feminino, o matrimônio e a maternidade.

Nestas autoras se observa o desejo de ultrapassar os limites que sempre lhes foram impostos, de formas semelhantes e diferentes, na vida de todas as mulheres diariamente, sendo estas todas um pouco Maria em, pelo menos, algum momento de suas vidas. Gilka Machado e Paulina Chiziane buscam por espaço na literatura de seu povo através da elaboração de uma metonímia do cotidiano que fala a realidade do ser mulher e demonstra as diferentes mulheres em luta.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Gilka, a antecessora*. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 18 dez. 1980. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=030015_10&pagfis=17850. Acesso em: 24 de setembro de 2021

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014.

BONNICI, T. ZOLIN, L. O. (Org.) *Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. 2ª ed. Maringá: Eduem, 2005.

BORGES, Jaqueline Ferreira. A liberdade política e artística em Gilka Machado: uma questão de autoria. *Opiniões*, São Paulo, n. 18, p. 94-115, 2021. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2525-8133.opiniaes.2020.181388>. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/opiniaes/article/view/181388>.

CABAÇO, José Luís de Oliveira. *Moçambique: identidades, colonialismo e libertação*. 2007. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

CAMPOS, Humberto de. *Diário secreto*. Organização de Aline Haluch. Rio de Janeiro: Tinta Negra, 2014.

CANDIDO, A. *Literatura e sociedade*. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura In: CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*, v. 5, p. 171-19, 2011.

CHIZIANE, Paulina. *Paulina Chiziane*. Entrevista concedida ao canal TV Brasil, 2012. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=dQBB2_Iw2Hw. Acesso em 26 de agosto de 2021.

CHIZIANE, Paulina. [Testemunho] Eu, mulher... Por uma nova visão do mundo. *Abril-NEPA/UFF*, v. 5, n. 10, p. 199-205, 2013.

CRUZ, Cláudia Karolinne de Figueiredo Pereira. *Paulina Chiziane-contadora de histórias: uma análise de "As cicatrizes do amor"*. Trabalho de Conclusão de Curso (graduação)- Universidade de Brasília, Instituto de Letras, Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, 2014.

FREITAS, Sávio Roberto Fonseca de. *A condição feminina em Balada de amor ao vento, de Paulina Chiziane*. 2012. 171 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2012.

GUIMARÃES, Raquel Beatriz Junqueira. Escritas de mulheres: cotidiano, força e rebeldia. *Scripta*, v. 18, n. 35, p. 11-18, 2014.

MACÊDO, Tania; MAQUÊA, Vera. *Literaturas de língua portuguesa: Moçambique*. Arte & Ciência, 2007.

MACHADO, Gilka. *Poesia Completa*. São Paulo: Demônio Negro, 2017.

RIBEIRO, João. *Crítica*. v. II. Parnasianismo e Simbolismo. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 1957.

SOARES, Angélica. *O erotismo poético de Gilka Machado: um marco na liberação da mulher*. 1998. Disponível em: <https://litcult.net/2012/11/06/o-erotismo-poetico-de-gilka-machado-um-marco-na-liberacao-da-mulher/>. Acesso em 15 de agosto de 2021.

SCHMIDT, Rita. Ensaio: Repensando a cultura, a literatura e espaço da autoria feminina (p. 182 – 189). In: NAVARRO, Márcia Hoppe (org). *Rompendo o silêncio – Gênero e literatura na América Latina*. Porto Alegre: Editora da Universidade / UFRGS, 1995.

SHOWALTER, E. A crítica feminista no território selvagem. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de. (org.) *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro:



Rocco, 1994. p. 23 - 57.

ZOLIN, Lúcia Osana. A literatura de autoria feminina brasileira no contexto da pós-modernidade. *IPOTESI-REVISTA DE ESTUDOS LITERÁRIOS*, v. 13, n. 2, 2009.

